

## EDUCAÇÃO MUSICAL E INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NA ESCOLA PÚBLICA DE PELOTAS

**ANDRÉIA LANG<sup>1</sup>, LUANA MEDINA<sup>2</sup>, REGIANA BLANK WILLE<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [andreiaslang@gmail.com](mailto:andreiaslang@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [luanamedinas@gmail.com](mailto:luanamedinas@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [regianawille@gmail.com](mailto:regianawille@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A exigência da inclusão de alunos com deficiência em sala de aula teve início com a criação de legislações, no século XX, que garantiam igualdade e inclusão, criando propostas de aplicação dentro do campo da educação. Sendo assim, Finck (2016) afirma que:

Na década de 1990, defensores dos direitos dos deficientes fizeram lobby para estender essas mesmas leis para as pessoas com deficiência, o que ocorreu com efeitos positivos sobre as ações da sociedade, das escolas, dos professores e dos alunos com a condução para um movimento de inclusão em que, aos indivíduos com deficiência, foram oferecidos maiores direitos e integração na sociedade (FINCK, 2016, p. 25).

No ano de 1981 foi criada a declaração de Sundberg, em 1994 a Declaração de Salamanca e Linha de ação, em 2000 a Declaração Mundial de Educação para Todos nas Américas, e mais recentemente no Brasil foi criada a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, no ano de 2015, “destinada a assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais para a pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania” (FINCK, 2016 p. 25).

Viviane Louro (2015), em seu trabalho “Educação Musical Inclusiva: desafios e reflexões”, comenta que estamos vivendo o paradigma do suporte, que exige a criação de meios que possibilitem a participação de todas as pessoas, em especial, as com deficiências, em todos os âmbitos sociais com o máximo de autonomia. A proposta do paradigma de suporte é que:

[...] todos os estabelecimentos públicos e privados precisam estar aptos a receber todos os tipos de pessoas, ou seja, a sociedade precisa oferecer suporte para que todos possam usufruir de todos os benefícios e campos sociais. Isso indica acessibilizar bibliotecas, parques, mercados, restaurantes, museus, hospitais, clubes, teatros, escolas, enfim, todos os lugares [...] ou seja, o paradigma de suporte prega o respeito à individualidade das pessoas e uma sociedade que ofereça as mesmas oportunidades para todos os indivíduos, independentemente de suas questões físicas, cognitivas ou comportamentais (LOURO, 2015, p. 34).

Finck (2016) diz que, a partir dessas políticas de atendimento a pessoas com deficiência no contexto educacional brasileira, não se pode ignorar a realidade da inclusão desses alunos no contexto da escola básica:

[...] para um avanço das propostas pedagógicas, as políticas oficiais que defendem a integração dos alunos com deficiências na escola básica, embasadas pelos discursos de igualdade de condições e oportunidades, identidade com os demais alunos e pleno desenvolvimento cognitivo, social e cultural, devem focar, também, as questões de formação dos profissionais envolvidos (FINCK, 2016, p. 24).

Significa então que não basta apenas querer incluir alunos com deficiência em sala de aula, é preciso também preparar os professores para receber esses alunos em suas salas. LOURO (2015) diz que os principais fatores a serem estudados são as pessoas e o modo como elas aprendem, seu desenvolvimento motor e emocional e, também, seus problemas de aprendizagem, tudo isso sem esquecer é claro de estudar música, metodologias, abordagens diferenciadas, estratégias pedagógicas e psicologia cognitiva. Levando em conta o trabalho inclusivo nas salas de aula de música, é necessário ainda que o professor saiba os aspectos físicos, cognitivos, psíquicos e comportamentais do aluno com deficiência, para que desse modo o trabalho possa ser democrático.

Poucos são os lugares onde ocorre uma educação realmente inclusiva, que possuam tanto alunos com deficiência quanto alunos sem deficiência e o ensino é difundido da mesma maneira. Na Universidade Federal de Pelotas, o curso de Música modalidade Licenciatura possui o LAEMUS – Laboratório de Educação Musical, que ministra o projeto de Musicalização de Bebês e o Projeto de Musicalização Infantil, dos quais eu participo. Ambos projetos trabalham com alunos autistas, alunos com Down e mais atualmente, alunos com paralisia cerebral, e alunos típicos. Como forma de auxiliar no trabalho com inclusão, nós, monitores do projeto participamos do Grupo de Estudos em Educação Musical e Inclusão. Outra experiência inclusiva da qual participei foi durante a disciplina de Orientação e Prática Pedagógico-Musical, que visa como o próprio nome já diz orientar os alunos da graduação em suas práticas pedagógicas dentro da escola. Nela, houve um primeiro contato com alunos com deficiência a partir do trabalho com alunos com deficiência visual em um centro especializado na educação desses alunos, local esse que possuía muitos recursos e materiais adaptados para a realização do trabalho, bem como professores especializados. Durante essa experiência, a oportunidade da criação e pesquisa de atividades voltados a alunos com deficiência visual, despertou o desejo de conhecer mais a respeito da deficiência aprofundando mais sobre os temas inclusão e música, bem como de musicalizar alunos que a possuem.

A partir das minhas vivências em sala de aula nas disciplinas e nos projetos de extensão, surgiu o questionamento sobre como ocorre a inclusão de alunos com deficiência dentro do ensino regular nas aulas de música, nas escolas municipais da cidade de Pelotas? Sendo assim, o objetivo geral do trabalho de pesquisa é investigar com se dá (ou não) a inclusão de alunos com deficiência nas aulas de música do sistema regular de ensino de uma escola pública do RS. Essa pesquisa busca investigar como professores de música trabalham com

esses alunos e quais as maneiras que eles encontraram para incluí-los em suas aulas.

Com a finalidade de conhecer mais trabalhos sobre esta temática, fiz uma revisão nos seguintes bancos de dados: anais da ABEM Nacional e da ISME a partir de trabalhos realizados nos últimos 3 anos. Utilizei os descritores: “Educação Musical Especial”, “Educação Especial”, “Deficiência”, “Inclusão”, “Necessidades Especiais”, “Surdos”, “Cegos”, “Autismo”, e seus derivados. Foi possível perceber uma gama de trabalhos voltados especificamente para cada uma das deficiências e de como trabalhar com alunos individualmente, mas poucos dados sobre a inclusão de alunos com deficiência nas escolas regulares.

Percebendo assim o déficit de trabalhos e pesquisas nessa área, considereei a importância em obter mais conhecimentos a respeito desse assunto. Ao buscar dados sobre a inclusão de alunos com deficiência nas aulas de música do ensino regular, poderá ser feita uma análise de como se dá esse trabalho e as dificuldades encontradas, procurando aprimorar os meios de inclusão em sala de aula. Assim sendo, esta pesquisa busca contribuir na formação de educadores mais preparados para trabalhar com alunos deficientes em suas salas de aula.

## **2. METODOLOGIA**

Para a realização da pesquisa que busca investigar como ocorre a inclusão de alunos com deficiência dentro de uma sala de aula de música do sistema regular de ensino, foi escolhida a metodologia de estudo de caso. Segundo Gil (2002, p. 54), o estudo de caso “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados”.

Para a realização desta pesquisa foi realizada a observação de uma turma de alunos que possui alunos com deficiência com o objetivo de analisar como ocorre a inclusão desses alunos dentro das aulas de música. Foi escolhida uma escola de ensino fundamental da cidade de Pelotas – RS, após contato com o professor da escola, que disse possuir em sua turma de alunos um aluno com deficiência e abriu espaço em sua sala de aula para que fossem feitas as observações desta pesquisa. Como suporte também foi realizada uma entrevista com o professor para investigar qual a visão dele sobre a inclusão e de que maneira ele tenta realiza-la em sua turma.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

As observações e entrevista já foram realizadas e a pesquisa está em fase de categorização dos dados coletados. Todos os dados estão sendo organizados e classificados de acordo com as categorias de codificação. As categorias de codificação serão baseadas nas questões das entrevistas e de temas relevantes das observações, que emergirem durante a coleta de dados.

A análise dos dados será realizada posteriormente como uma interpretação iterativa, elaborando pouco a pouco uma explicação lógica do fenômeno estudado (LAVILLE & DIONNE, 1999). Segundo os autores “o pesquisador interpretaria esses resultados em termos de evolução do discurso realizando inferências sobre a transformação das mentalidades e do contexto social que essa evolução traduz” (LAVILLE e DIONNE, 1999, p. 226).

#### 4. CONCLUSÕES

Durante a escrita deste trabalho a coleta de dados estava sendo finalizada e a categorização iniciada para posterior análise. Convém ressaltar que todos os participantes (professor de música e os alunos da turma) terão acesso às transcrições das entrevistas se necessário. Segundo STAKE (1994, p.100) “os atores desempenham um papel fundamental, tanto na direção como na representação. Ainda que sejam o objeto de estudo, fazem observações e interpretações muito importantes com regularidade e, em alguns casos, sugestões sobre as fontes dos dados”.

Como professora de música em formação e já atuante em sala de aula, posso perceber o quão valioso tem sido este estudo e agregador de conhecimentos para a qualificação das minhas atividades. A inclusão de alunos com deficiência nas escolas está aumentando, demonstrando a necessidade deste trabalho ser bem estruturado de forma que os alunos possam aprender e se desenvolver igualmente dentro de suas turmas.

#### REFERÊNCIAS

FANTINI, Renata; JOLY, Ilsa; ROSE, Tania. **Educação musical especial: produção brasileira nos últimos 30 anos**. REVISTA DA ABEM, Londrina, v.24, n.36, p36-54. Jan.Jun. 2016.

FINCK, Regina. **Inclusão de alunos com deficiência na sala de aula: tendências de pesquisa e impactos na formação do professor de música**. REVISTA DA ABEM, Londrina, v.24, n.36, p23-35. Jan.Jun. 2016.

LAVILLE, C. e DIONNE, J. A Construção do Saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: UFMG/Artes Médicas, 1999.

LOURO, Viviane. Educação Musical Inclusiva: Desafios e Reflexões. IN: SILVA, Helena Lopes da; ZILLE, José Antônio Baeta; **Música e Educação: Série Diálogos com o Som**. V.2. Barbacena: EdUEMG, 2015. p. 33-49.

STAKE, R. E. Case Studies. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Eds). *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks: Sage Publications, inc., 1994.